

# MACBETH – UMA HISTÓRIA DE TERROR

Valdomiro Polidório<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo abordará o terror na tragédia *Macbeth*, de William Shakespeare. Analisaremos alguns aspectos que permeiam essa obra para mostrar como a genialidade do grande bardo abordou características sombrias na tragédia e em seus personagens *Macbeth* e *Lady Macbeth*. Buscaremos, para isso, fazer uma análise que nos permitirá explorar mais a contento elementos essenciais para a compreensão da atmosfera de terror existente na obra estudada. A nossa principal fonte de embasamento será a própria obra. Somos sabedores de toda riqueza da obra, devido justamente a isso, é que somente alguns elementos do terror que imergem da obra serão estudados.

**Palavra-chave:** Terror; sombrio; noite; medo; sangue.

## MACBETH – A TERROR STORY

**Abstract:** This article will approach the terror in the tragedy *Macbeth* by William Shakespeare. We will analyze some aspects that involve the literary composition studied here to show how the geniality of our great poet approached shadowy characteristics of the tragedy and in its characters *Macbeth* e *Lady Macbeth*. Thus, we will search to do an analysis that will allow us to explore more deeply essential elements to the comprehension of the atmosphere of terror that exists in the literary composition studied here. Our main source to will be the literary work. We know all the richness of this literary composition, and because of this, is that only some elements of the terror that emerges from the literary work will be studied.

**Key Words:** Terror; shadowy; night; fear; blood.

### Introdução

Este estudo abordará alguns aspectos do terror que envolve a tragédia *Macbeth*, de William Shakespeare. Usaremos a crítica literária mais apropriada para o tema que será abordado neste trabalho, porém nossa principal fonte de embasamento teórico será a obra.

---

<sup>1</sup> Professor de Literaturas e Língua Inglesa do Curso de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE/Campus Cascavel).

William Shakespeare, como qualquer grande escritor, abordava temas oriundos de seus sentimentos. O período em que ele escreveu as suas quatro grandes tragédias *Hamlet*, *Macbeth*, *Otelo* e *Rei Lear*, pode ter sido de desesperança em sua vida. Na tragédia *Macbeth*, percebemos isso na seguinte fala do personagem *Macbeth*: “A vida nada mais é do que uma sombra que passa, um pobre histrião, que se pavoneia e se agita uma hora em cena e, depois, nada mais se houve dele.” (SHAKESPEARE, Ato V, Cena V)<sup>2</sup>.

A Inglaterra do século XVII, mais especificamente do ano de 1606, ano em que a peça foi encenada pela primeira vez para o Rei James I da Inglaterra e IV da Escócia, vivia em uma atmosfera de crenças em bruxaria. Devemos, então, imaginar que isso contribuiu para que *Macbeth* acabasse sendo uma história de terror. Contudo, uma história de terror bem elaborada em seus mínimos detalhes. Isso apresenta somente uma das características principais de Shakespeare, o efeito extremamente catártico de suas obras.

Devido à genialidade do autor e à da mágica composição da peça *Macbeth*, fizemos a seleção dessa tragédia, que mais do que retratar a ambição desmedida de um louco tirano e de sua esposa que o auxilia em seus intentos, destaca-se a capacidade de William Shakespeare de criar uma atmosfera contagiante e principalmente aterrorizante.

### **A atmosfera de terror na tragédia *Macbeth***

Quais as características da tragédia *Macbeth* que podem nos levar a analisá-la como uma história de terror? Para responder essa pergunta, analisaremos alguns elementos, a saber, o sombrio, a noite, o medo, o sangue que criam a atmosfera de terror na tragédia.

A tragédia *Macbeth*, pode ser considerada uma história de terror. Atualmente, as histórias de terror, tanto em filmes como em livros, por

---

<sup>2</sup> SHAKESPEARE, W. 1981. *Romeu e Julieta; Macbeth; Hamlet, príncipe da Dinamarca; Otelo, o Mouro de Vezzeza*. 1ª ed., [Traduções de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes]. São Paulo, Abril Cultural, 447 p.

melhores que possam ser, não conseguem o efeito catártico de *Macbeth*. Durante toda a peça, vemos características do gótico, o qual nos transporta para uma atmosfera de horror. Já no início da peça, há a aparição das três irmãs estranhas, ou três irmãs fatais. Elas têm características macabras como: a charneca do início da peça, a névoa, típica da Escócia, o clima frio, tudo isso assombra. Não há luz em *Macbeth*. Os personagens estão sempre envoltos em um manto negro, que os sufoca. E essa sensação asfíxiante é transmitida para nós leitores, ou espectadores da tragédia *Macbeth*. Shakespeare tem o poder de nos envolver com a sua hábil utilização das palavras, as quais ele conhecia muito bem, já que tinha um vocabulário muito vasto, em torno de trinta mil palavras usadas em suas obras.

O sangue em *Macbeth* contribui para que o horror se instaure a todo o momento. As atitudes dos personagens principais *Macbeth* e *Lady Macbeth*, as *três irmãs fatais* e *Hécate* criam uma imagem grotesca de uma peça sangrenta. O medo decorrente das atitudes de *Macbeth* envolve todos os personagens e seus leitores, ou espectadores.

Como falamos, anteriormente, não podemos comparar uma obra de arte da literatura universal, como *Macbeth*, com qualquer obra do gênero de terror, pois ela tem uma elaboração complexa e bem estruturada: “(...) as Feiticeiras de Shakespeare são criaturas complexas e ambíguas, que apresentam relações com hábitos de pensamento medievais.” (p. 402)<sup>3</sup>. Transformar as “Feiticeiras” em “criaturas complexas”, faz com que a obra torne-se também complexa, pois elas acabam chamando mais a atenção do que próprio o *Macbeth*. Shakespeare, ao atrair a atenção mais demorada para as três irmãs fatídicas, confirma *Macbeth* como uma tragédia de horror.

Outras características da peça, como a ambição exacerbada de *Macbeth* e *Lady Macbeth*, o sentimento de culpa, a tirania e a traição têm mais sentido quando ligadas à atmosfera de horror que envolve a obra.

As poções das três irmãs fatídicas e as aparições que elas fazem despertar para enganar *Macbeth*, ainda que na imaginação do leitor sensível, assombam àquele que se entrega com paixão à essa poderosa

---

<sup>3</sup> HONAN, P. *Shakespeare: uma vida*. [Tradução Sonia Moreira.] São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

peça de teatro. De qualquer forma, devemos sentir o som das palavras e a entonação deve ser respeitada durante a leitura. Somente assim, poderemos sentir todo o horror das falas das três irmãs fatais.

Todo o horror que envolve a peça permite que a intitulemos “Peça Maldita”: “Produzir *Macbeth* no palco supostamente dá azar. Houve incêndio em algumas montagens, frases remendadas, quedas e ferimentos causados pelas espadas.” (p. 231)<sup>4</sup>. Acreditar nisso, faz com que a tragédia *Macbeth* se caracterize ainda mais como uma história de terror.

William Shakespeare pode ter exercido influência sobre grandes escritores do gênero de contos de terror, como, Edgar Allan Poe, que por sua vez, influenciou o escritor contemporâneo Stephen King, dentre vários outros.

O terror tem como consequência o medo. Este é uma característica que contribui para que tenhamos mais terror na tragédia *Macbeth*, na qual o sentimento de medo permeia toda a obra: “A peça *Macbeth*, como um todo, pode ser considerada em certo sentido como uma ‘imagem’ do medo,...” (p. 146)<sup>5</sup>. E esse medo, nós, leitores/espectadores da tragédia, sentimos com intensidade. É um medo que nos sufoca mais do que um simples medo de fantasmas de um filme de terror, por exemplo, pois a peça é muito sombria e carregada de umidade, maus cheiros e de violência.

As três irmãs fatídicas dão um “colorido” negro à peça. Como já mencionamos anteriormente, o contexto histórico apresenta características de uma época que se acreditava em bruxaria. O Rei James IV havia escrito um “manual de caça às bruxas”, intitulado *Demonologia*, publicado em 1597, o qual pode ser considerado como um escudo, ou um estandarte para a luta contra o mal. O contexto histórico, no que se refere à questão política/religiosa, também contribuiu para a atmosfera que envolveria Shakespeare e a elaboração da tragédia *Macbeth*. Isso se deve ao fato de que uma conspiração católica para matar o Rei James foi desmantelada no dia 05 de novembro de 1605. Essa conspiração ficou conhecida como a

---

<sup>4</sup> ROZAKIS, Laurie. *Tudo sobre Shakespeare*. [Tradução de Tereza Tillet.]. Barueri – SP.: Editora Monole, 2002.

<sup>5</sup> SPURGEON, C. *A imagística de Shakespeare*. [Tradução de Barbara Heliodora] São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Conspiração da Pólvora. Os conspiradores explodiriam o palácio de Westminster no momento em que James abrisse a sessão do Parlamento e tal contexto histórico contribui para a atmosfera de *Macbeth*.

A peça apresenta *Macbeth*, personagem que mata o Rei Duncan, usurpa o trono e mata muitos personagens para manter o poder. Como a peça se passa na Escócia, poderia ser considerada uma ofensa ao Rei James, que era escocês. Porém, Shakespeare sabia que o soberano da época, Rei James I da Inglaterra e IV da Escócia, era considerado descendente de *Banquo*, que foi morto a mando de *Macbeth*, pois segundo uma das previsões das “três irmãs estranhas” era justamente a de que *Banquo* seria pai de reis.

A aparição de *Banquo* pode ser considerada como o auge do medo no personagem *Macbeth*. Será que ele realmente estava vendo um fantasma? Ou era apenas sua imaginação? Ou era o sentimento de culpa? “Claro que sim, mesmo que os outros personagens não vejam.” (p. 205)<sup>6</sup>. De qualquer maneira, devemos analisar o medo de *Macbeth*, que é imenso nessa cena, capaz de desequilibrá-lo. *Lady Macbeth*, por outro lado, demonstra total segurança nesse momento, pois o medo ainda está distante dela. O medo de *Lady Macbeth* somente aparecerá na sequência da peça, quando ela será atormentada pelas mãos ensanguentadas que não a querem deixar. Tal transcende à imagem que temos de sangue. Isso acontece porque sentimos até o cheiro desse sangue, como podemos ver nesta passagem da obra: **Lady Macbeth** – Há aqui sempre um cheiro de sangue!... Todos os perfumes da Arábia não purificariam esta pequena mão!... Oh! Oh! Oh! (SHAKESPEARE, Ato V, Cena I)<sup>7</sup>. “O sangue, em *Macbeth*, não é apenas uma alegoria; é material, físico, escorre dos corpos dos massacrados.” (p. 92)<sup>8</sup>.

O medo, então, se personifica nas mãos ensanguentadas de *Lady Macbeth*. É relevante salientarmos que o medo, a princípio, envolvendo os

---

<sup>6</sup> HONAN, P. *Shakespeare: uma vida*. [Tradução Sonia Moreira.] São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>7</sup> SHAKESPEARE, W. 1981. *Romeu e Julieta; Macbeth; Hamlet, príncipe da Dinamarca; Otelo, o Mouro de Vezeza*. 1ª ed., [Traduções de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes]. São Paulo, Abril Cultural, 447 p.

<sup>8</sup> KOTT, Jan. *Shakespeare nosso contemporâneo*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2003.

personagens vítimas de *Macbeth* e *Lady Macbeth*, futuramente também atormentará a estes.

Sombras, noite, sangue, mortes, tudo está engendrado para que a tragédia *Macbeth* aterrorize seus leitores/espectadores. Nas outras três grandes tragédias de Shakespeare, os leitores/espectadores ficam revoltados com a falsidade do Rei *Cláudio*, em *Hamlet*, de *Iago*, em *Otelo* e de *Goneril* e *Regane* em *Rei Lear*, contudo, o sentimento de horror fica muito mais caracterizado em *Macbeth*. “Macbeth tem pecado em sua alma: seu próprio mal traz à tona seu próprio destino.” (p. 141)<sup>9</sup>. O homem está no centro do palco nas peças de Shakespeare, e *Macbeth* é responsável pelo mal que causa, assim como *Lady Macbeth*.

O castigo do sentimento de culpa de *Macbeth* pode ser relacionado a outros personagens da literatura universal, como por exemplo, em *Crime e Castigo*, de Dostoiévski. O personagem *Raskolnikov* pode ser relacionado ao personagem *Macbeth*, pois é atormentado pela sua culpa. O terror atormenta a quem o praticou, atormentando seu executor. O mal se personifica e aterroriza tanto *Macbeth* como *Raskolnikov*. Shakespeare personifica o terror em *Macbeth* de uma maneira genial, e que influenciou escritores que vieram depois dele, como é o caso de Dostoiévski. Não podemos negar a influência do grande bardo, pois ao admiti-la percebemos que sua obra tem características atemporais e universais, e que abordam questões da natureza humana, como o medo e o sentimento de culpa que tornam a vida humana uma verdadeira história de terror, como acontece em *Macbeth*.

A obra está repleta de passagens que podem ser associadas ao terror, ou que criam uma atmosfera de terror, que dá magia à obra. Já no início, temos a geografia, que para Shakespeare, era muito importante. Do local, Shakespeare criava o universal, do drama de homens de uma época, ele criava o drama de todos que acreditam haver uma natureza humana: “Lugar deserto. Raios e trovões. Entram três feiticeiras.” (SHAKESPEARE, Ato I,

---

<sup>9</sup> CHARLTON, Henry. Buckley. *Shakespearean tragedy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

Cena I)<sup>10</sup>. No início da peça, somos introduzidos à atmosfera de terror, que reinará durante toda a tragédia. O fato de o primeiro encontro de *Macbeth* se dar em uma charneca, ou seja, um terreno árido, onde há apenas vegetação arbustiva e rasteira, também nos remete a uma atmosfera de terror. Ao mencionarem “Gato Cinza” e “Sapo” (Ato I, Cena I), as feiticeiras abordam animais que criam um clima de terror: “Gatos e sapos eram as formas animais quase sempre usadas pelos demônios familiares das feiticeiras.” (p. 119)<sup>11</sup>. As palavras “ensanguentado, maldita, sangrentas, noite, ave das trevas, etc.” que são ditas durante a peça, são como o reboco das paredes de terror construídas por Shakespeare para guarnecer a tragédia.

Já no Ato I, Cena V, Shakespeare nos fornece o importante solilóquio de *Lady Macbeth*:

Até o corvo fica rouco anunciando com seus crocitos a entrada fatal de Duncan debaixo de minhas ameaças! ... Acorrei, espíritos que velais sobre os pensamentos mortais! Trocai-me o sexo e, dos pés à cabeça, enchei-me, fazei que transborde da mais implacável crueldade! Fazei com que meu sangue fique mais espesso; fechai em mim todo o acesso, todo o caminho à piedade, para que nenhum escrúpulo compatível com a Natureza possa turvar meu propósito feroz, nem possa interpor-se entre ele e a execução! (p. 131).<sup>12</sup>

Quando o corvo é citado, Shakespeare apresenta mais um elemento de terror. A palavra “fatal” representa o fim da vida de Duncan. No trecho “espíritos que velais sobre os pensamentos mortais” da citação anterior, *Lady Macbeth* está evocando forças sobrenaturais para que ela possa cometer o regicídio. “Implacável crueldade” cria a imagem de um ser horrendo, capaz de cometer ações torpes. O mal será o escudo de *Lady Macbeth*, isso se evidencia quando ela diz, analisando outro excerto da citação anterior, “... fechai em mim todo o acesso, todo o caminho à piedade,

<sup>10</sup> SHAKESPEARE, W. 1981. *Romeu e Julieta; Macbeth; Hamlet, príncipe da Dinamarca; Otelo, o Mouro de Vezeza*. 1ª ed., [Traduções de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes]. São Paulo, Abril Cultural, 447 p.

<sup>11</sup> MEDEIROS e MENDES (1981) in SHAKESPEARE, W. 1981. *Romeu e Julieta; Macbeth; Hamlet, príncipe da Dinamarca; Otelo, o Mouro de Vezeza*. 1ª ed., [Traduções de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes]. São Paulo, Abril Cultural, 447 p.

<sup>12</sup> SHAKESPEARE, W. 1981. *Romeu e Julieta; Macbeth; Hamlet, príncipe da Dinamarca; Otelo, o Mouro de Vezeza*. 1ª ed., [Traduções de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes]. São Paulo, Abril Cultural, 447 p.

...”. Neste momento somos assombrados pela imagem da crueldade, do mal, de todo o terror. Essa é a introdução que Shakespeare dá ao terror que envolverá toda a peça. A figura de *Lady Macbeth*, então, pode ser associada à figura de uma das bruxas, pois esse solilóquio parece ser a prece de uma bruxa e não de uma “lady”. Não significa somente o plano de um assassinato, mas a necessidade do terror se instaurar na personagem e no leitor/espectador da peça.

Na sequência, com palavras como “noite tenebrosa”, “sombria fumaça no inferno”, *Lady Macbeth* continua a evocar o mal para poder lhe dar poder e lhe destituir de todo o bem. Ela não quer mais a luz, e sim, as trevas, ela quer o terror, a profundidade de toda a maldade que pode existir para seguir seu intento de terror.

A essência do mal e a menção ao inferno e aos demônios nos levam a crer que existe uma alegoria bíblica quando *Lady Macbeth* diz para *Macbeth*: “Traz as boas-vindas nos olhos, nas mãos, na língua e apresenta-te como uma flor de inocência, porém sê a serpente que se esconde debaixo da flor.” (SHAKESPEARE, Ato I, Cena V)<sup>13</sup>. Ao nos determos na palavra “serpente”, podemos sugerir que ela seja uma alusão à serpente do paraíso, a qual enganou *Eva*. Seguindo essa linha de pensamento, devemos considerar que, como *Eva*, *Lady Macbeth* tenta seu marido, mesmo ele tendo sua ambição despertada pelas três irmãs fatais, quem realmente o influencia é ela.

As trevas tomaram conta da luz durante toda a peça, é por isso que *Lady Macbeth* anda com uma vela, pois a sua luz espiritual se abandonou para sempre, pois ela tentou inverter a ordem natural da vida ao assassinar o rei, pois o rei era o ungido de Deus. A eterna luta do mal e do bem, mesmo que isso pareça para algumas pessoas, algo simplista, é um tema sempre abordado pelos grandes escritores da literatura universal. Isso não é diferente em Shakespeare, pois ele abordou muito bem essa temática. No

---

<sup>13</sup> SHAKESPEARE, W. 1981. *Romeu e Julieta; Macbeth; Hamlet, príncipe da Dinamarca; Otelo, o Mouro de Vezeza*. 1ª ed., [Traduções de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes]. São Paulo, Abril Cultural, 447 p.

caso da tragédia *Macbeth*, o bem somente aparece no final da peça, que está sempre envolta por trevas espessas.

*Macbeth* e *Lady Macbeth* chegam a invejar *Duncan* por este estar morto. Essa “inveja”, diz respeito ao “descanso”, ao “sono” que a morte pode significar. Enquanto *Duncan* “dorme” tranquilo e não pode ser mais atingido pelo mal, *Macbeth* e *Lady Macbeth* estão sendo atormentados por “sonhos que nos agitam durante toda a noite” (SHAKESPEARE, Ato III, Cena II):

**Lady Macbeth:** ... Mais vale ser a vítima do que viver com o crime numa alegria cheia de inquietude! (*Entra Macbeth*)

**Macbeth:** ... Mais vale fazer com o defunto, a quem para conquistar a paz enviamos para a paz do que viver assim sobre o potro da tortura do espírito, numa angústia sem tréguas! *Duncan* está no túmulo e, depois das convulsões febris da vida, dorme profundamente. A traição já fez o pior. Nem o aço, nem o veneno, nem a pérfida doméstica, nem a invasão estrangeira, nada mais pode tocá-lo agora. (Ato III, Cena II)<sup>14</sup>.

Quando é mencionado que *Macbeth* matou o sono, temos uma visão muito profunda do crime que ele cometeu ao matar o rei. O sono sendo aterrorizado pelo medo e o sentimento de culpa ajuda a compor a atmosfera de terror em *Macbeth*, pois depois de ter sido realizado o regicídio não haverá mais sono/paz para *Macbeth* e *Lady Macbeth*. “Shakespeare mergulhou fundo e com precisão no inconsciente humano, pois sabia de influências de emoções como o medo e a culpa sobre os sonhos e os pesadelos.” (p. 239).<sup>15</sup>

Quando *Macbeth* diz “a traição fez o pior”, temos mais um elemento importante para ser analisado. Analisando a palavra “traição”, percebemos que ela desperta um sentimento de angústia. Não podemos simplesmente analisar essa frase como “o crime não compensa”; não, há muito mais nesse sentimento de angústia passado por Shakespeare através da fala do personagem *Macbeth*. Há a universalidade do terror do ato da traição. E esse terror que nós leitores/espectadores sentimos somente é possível

<sup>14</sup> SHAKESPEARE, W. 1981. *Romeu e Julieta; Macbeth; Hamlet, príncipe da Dinamarca; Otelo, o Mouro de Vezeza*. 1ª ed., [Traduções de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes]. São Paulo, Abril Cultural, 447 p.

<sup>15</sup> BELANGER, Jeff & Kristen DALLEY. *A enciclopédia dos pesadelos: a interpretação dos seus sonhos mais sombrios*. Tradução de Frank Oliveira. Rio de Janeiro: Prestígio, 2007.

porque Shakespeare apresenta um homem (*Macbeth*) sendo louvado no início da peça, e logo em seguida, mata quem o louva, e quem o louva é o rei. Parece que determinando esse contexto, a traição em *Macbeth* torna-se mais aterrorizante do que em outros.

Ainda nessa mesma citação, notamos as palavras e expressões “angústia sem tréguas”, “tortura”, “inquietação”, “convulsões febris”. Elas também ajudam a criar uma atmosfera que sufoca e aterroriza. A alma esta sendo torturada, a angústia vem do âmago, a inquietação tira o sono e as convulsões febris significam a doença do espírito da alma que está começando a atingir os personagens *Macbeth* e *Lady Macbeth*.

William Shakespeare “pinta” um “quadro” de terror em *Macbeth*, talvez o seu maior quadro de terror. Mais do que qualquer pintor que tentou retratar a peça *Macbeth*, Shakespeare criou uma obra, que certamente influenciou obras de terror e suspense em todas as áreas da arte desde a sua publicação em 1623, ou melhor, desde a sua primeira apresentação em 1606.

### **Considerações finais**

Neste breve estudo, mostramos algumas características que fazem de *Macbeth* uma história de terror. Exploramos características da peça que levam o leitor/espectador a sentir todo o horror e conseqüentemente toda a angústia dos personagens. O objetivo do estudo também foi mostrar como a genialidade de William Shakespeare transcende o seu tempo, pois ele foi um profundo conhecedor da natureza humana. De acordo com POLIDÓRIO (2009)<sup>16</sup>:

O conhecimento da natureza humana de Shakespeare impressiona. Ele aborda os conflitos do ser humano que sempre existiram, como ódio, amor, usurpação do poder, traição, vingança, o belo, o feio, a tirania, a angústia, a melancolia, a ambição, etc. Todas essas características compõem a nossa natureza humana. Resumindo

---

<sup>16</sup> POLIDÓRIO, Valdomiro. A representação da natureza humana em *Hamlet* de William Shakespeare. Revista Travessias, vol. 03, no. 02, julho, 2009.

Shakespeare explora o bem e o mal que existe em todos os seres humanos. (pp. 08-09)

Não é demasiado afirmar que Shakespeare foi um profundo conhecedor do humano, que não escrevia sobre deuses, mas sobre homens e seus erros que os faziam cair. Sim, o homem no centro do palco, isso fez com que Shakespeare se aproximasse mais de nós seres humanos através de sua rica obra.

*Macbeth* e *Lady Macbeth* instauram o terror. É claro que quem vai até o fim com o regime de terror é *Macbeth*, pois *Lady Macbeth* não suporta o próprio sentimento de culpa, enlouquece e se mata. O terror encontrado no reinado de *Macbeth* pode ser relacionado também ao terror de vários estados totalitários, que dominaram o povo pelo medo. Considerando isso, temos então, não somente o terror sobrenatural das três irmãs fatídicas, ou do cenário, da geografia, do clima e das cores, mas o terror do reinado de *Macbeth*.

A eterna luta entre o bem e o mal tem um palco muito rico para se pavonear e envolver os espectadores da época e das épocas vindouras. O mal tentando se instaurar, e o bem o sufocando no final da peça, ajuda a compor a atmosfera de *Macbeth*. As trevas tomam conta da tragédia e se entrelaçam com os sentimentos das personagens. O sentimento de medo de *Banquo* tentando desesperadamente fugir dos assassinos, os sentimentos de *Lady Macbeth*, que se referem ao seu medo, sentimento de culpa, fraqueza, alucinação e sua “doença mental”, como o é mencionada por *Macbeth* ao mandar o médico tratar da “mind disease” de *Lady Macbeth*:

**Macbeth:** Curai-a! Não podeis acalmar um espírito doente, arrancar-lhe da memória os pesares arraigados, apagar as angústias gravadas no cérebro e, com um doce antídoto que façam esquecer, aliviar o peito oprimido do peso perigoso que comprime o coração? (Ato V, Cena III).<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> SHAKESPEARE, W. 1981. *Romeu e Julieta; Macbeth; Hamlet, príncipe da Dinamarca; Otelo, o Mouro de Vezeza*. 1ª ed., [Traduções de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes]. São Paulo, Abril Cultural, 447 p.

Não podemos nos esquecer dos sentimentos do próprio *Macbeth*, que variam entre medo, sentimento de culpa, tormento, angústia, insegurança, segurança, mal e remorso.

As imagens são muito importantes ao analisarmos as peças de Shakespeare, devido a isso, tentamos explorar algumas delas nesse breve estudo para podermos ter o embasamento necessário para a análise aqui proposta. As imagens que analisamos auxiliaram na criação da atmosfera de terror que Shakespeare criou na tragédia *Macbeth*.

Não há como escrever grandes obras se o escritor não criar uma atmosfera que embriague seu leitor. No caso de *Macbeth*, o terror nos envolve e nos embriaga, sentimos o frio do clima e conseqüentemente a atmosfera de sofrimento da alma dos personagens, e daqueles que buscaram o mal como *Macbeth* e *Lady Macbeth*. Sentimos, por exemplo, o terror que *Banquo* experimentou ao ser perseguido. Sentimos a angústia e tormento da consciência e da alma daqueles que cometeram um ato antinatural, ou seja, assassinar um rei, que era considerado um ungido de Deus. Isso tudo nos remete, novamente, ao efeito catártico das tragédias shakespearianas. A grande habilidade de Shakespeare de criar obras universalmente conhecidas e cheias de riqueza literária passa pelo efeito catártico, que ele melhor do que qualquer outro dramaturgo conseguiu atingir. Como exemplo disso, temos a obra *Macbeth*.

Propomos aqui uma análise da tragédia *Macbeth* pelo viés de algumas características do terror que a permeiam. Tentamos mostrar também que as características do terror presentes na obra não são aleatórias, e que Shakespeare as colocou em uma ordem tal para criarem toda a atmosfera de terror que nos envolve quando lemos ou assistimos à sua peça. Esperamos que nossas breves, porém, não superficiais considerações, possam servir de reflexões e fonte de pesquisa para novos estudos, contribuindo assim para o contínuo entendimento da obra aqui analisada.

Recebido em 01.04.2013

Aprovado em 18.06.2013